



SESSÃO - 01

3. A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA E DA EMOÇÃO NA RE-PROPOSTA DE VIDA DO VELHO NO ASILO

*Gerson de Sousa**

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar as táticas e estratégias utilizadas por velhos pobres para reconstruir a vida no asilo. A proposta é contextualizar como o trabalho de contadores de história no Lar Betel, em Piracicaba, altera emotivamente o tempo cotidiano desses velhos, no espaço então considerado dupla morte social do homem. O sujeito conceituado como ser plural se constrói ao longo da vida por meio da razão, emoção e imaginação. Este trabalho critica o reducionismo da cultura popular ao econômico e procura desvelar, pelo valor da emoção, um dos aspectos centrais da crise da modernidade. O silêncio, o choro, a lágrima, o tempo vazio da entrevista - fatores secundários em outras pesquisas - são pontos prioritários na produção de sentido para entender o testemunho do velho marginalizado. A memória subterrânea exige a valorização do sujeito que denuncia, no presente, a violência do poder no passado.

Palavras-chave: Cultura Popular; velhice; comunicação; emoção; memória

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar las tácticas y estrategias usadas por los ancianos pobres a reconstruir sus vidas en el asilo. La propuesta es contextualizar la obra de narradores en el Hogar Betel, en Piracicaba, emocional cambia la rutina de estos tiempos antiguos, en el espacio a continuación, a la muerte como doble social del hombre. El tema es conceptualizado como plural se basa toda la vida mediante la razón, la emoción y la imaginación. En este artículo critica el reduccionismo de la cultura económica y popular trata de revelar, por la cantidad de emoción, un aspecto central de crisis de la modernidad. El silencio, el llanto, las lágrimas, el tiempo vacío de la entrevista - factores secundarios en otros estudios - son temas prioritarios en la producción de sentido para entender el testimonio de los marginados de edad. Memoria requiere la modernización de persona que se queja de metro, en la actualidad, la violencia del poder en el pasado.

Palabras clave: Cultura Popular; vejez; comunicación; emoción; memoria

* Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor adjunto do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



Este artigo tem por objetivo analisar as táticas e estratégias utilizadas por velhos pobres para reconstruir a vida no asilo denominado Lar Betel, em Piracicaba. A proposta é contextualizar como o trabalho de contadores de história neste asilo altera emotivamente o tempo cotidiano desses velhos, no espaço então considerado como dupla morte social. O artigo também pretende retirar o discurso da imobilidade do ser, tão propagado ideologicamente pela estrutura nos dias atuais. A proposta é mergulhar no discurso do mal-estar da modernidade e descharacterizar a máxima deste foco estrutural em que o dilaceramento do ser passa a ser entendido como processo doloroso e irreversível, aceitado muitas vezes como natural. Natural, como a adaptação do homem ao irreversível progresso tecnológico.

A negação do sujeito como ato de violência praticado pelo sistema, entendida como realidade estática, está distante de ser a natureza do homem. Por um lado, a ação do sujeito, pelo dizível e indizível, para manter-se plural e orientador dos caminhos de sua história. Por outro, a ação da realidade objetiva de um sistema a impor uma uniformidade, a recusar esta condição plural. Esta recusa é traduzida como necessidade de encontrar a identidade do social. Quando uma força age não permitindo espaço e tempo para a ação do outro, tem-se a violência. Mas

o ser negado elabora suas táticas, traduzidas aqui como concebe Certeau:

“As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos.” (CERTEAU, 1994, p. 102).

Assim a “tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado (...). Em suma, a tática é a arte do fraco.” É nesse processo que é possível entender o estado de tensão e conflito do homem contemporâneo para estabelecer sentido e significado no cotidiano vivido do tempo e espaço. O trabalho de contadores de história e os velhos no asilo Lar Betel, de Piracicaba tem de ser compreendidos como espaço e tempo de luta neste contexto de crítica conceitual. O espaço da racionalidade abre as portas para o tempo do imaginário. Tratar o asilo como espaço físico estático é limitar o olhar somente pela estrutura.

O velho também não está estático. E reage quando nega a sua existência no presente e é reduzido apenas ao ser de memória. O interesse deste artigo é verificar a relação de forças a atuar no interior do asilo, cujo movimento, no espaço de poder de um, define, temporaria-





Cultura, Educação e Difusão Cultural

mente, a imobilidade do tempo do outro. Portanto, é significativo compreender a diferença entre a realidade objetiva e a emoção subjetiva, na ação de um com outro.

Esse mergulho na relação de forças para entender o sujeito rompe com o discurso da morte do homem. O silêncio, guardado como tática por longo período, indica o estado de ação, de movimento. Como entender essa forma de existência, de reagir do fraco ao poder violento que o nega como ser plural? Em *Memória, Esquecimento e Silêncio*, Michel Pollack (1989) utiliza citação de Claude Olievenstein para se referir aos mecanismos psíquicos do indivíduo:

“A linguagem é apenas a vigia da angústia... Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior”. (POLLAK, 1989:08)

Ao lutar pelo valor do presente, o sujeito, negado pelo poder, reage com suas forças. A história passa a ser construída sobre os aspectos da importância do existir. É nesta busca de ser que se caracteriza a “resistência”. A memória do passado é a revelação do vivido. E o viver está em mesma intensidade interligado ao que é sempre dito, como também ao não-dito. A memória assim em conflito

nos permite avançar na particularidade da discussão da existência do ser. Não é preciso se estender muito para entender os critérios promovidos na racionalidade para destacar cada ator principal e os “coadjuvantes” desta história.

“Mas a racionalidade não almeja meramente disseminar seu discurso. Ela se estabelece muito mais como negação do sujeito do que pela afirmação de sua própria racionalidade”, conceitua José de Souza MARTINS (2000:21). Trata-se de uma mudança de análise primordial. Está-se diante de uma racionalidade incompleta, que não se conclui. Essas são suas dificuldades. “O que se propõe à vida de todos os dias do homem contemporâneo não é essa racionalidade ilimitada, mas seus problemas, sua inconclusividade, suas dificuldades. O homem comum tem de descobrir e inventar caminhos para superá-las”. (MARTINS, 2000, p. 21).

Este ponto é essencial para entender outro debate proposto no texto *O que faz a história oral diferente*, de Alessandro PORTELLI (1997). A pergunta central é sobre o estatuto da história oral. Pode-se considerar como válido a história oral como instrumento para sustentar a pesquisa científica? A resposta não pode ser dada precipitadamente, pelo menos sem antes afastar a poeira a ofuscar o entendimento profundo do que está posto em questão. “Parece se temer que uma vez abertos os portões da oralidade, a escrita (e a racionalidade junto com ela) será varrida como que por uma massa esponjosa incontável de fluídos, material amorfo”. (PORTELLI: 1997, p. 26). As





Cultura, Educação e Difusão Cultural

fontes orais vão mais além do que retratar apenas o que o povo fez. “Pode-se não encontrar nas fontes orais o custo material de uma greve; mas contam-nos bastante sobre os custos psicológicos”. (PORTELLI, 1997, p. 31).

É precioso entender neste debate o significado do termo recordar. Cor vem do coração. Recordar: trazer de novo para o coração. Eis a etimologia da palavra recordar traduzida por Adélia Bezerra de MENESES (1991). É a emoção do não-dito, do até então indizível, que ao encontrar uma oportunidade “sagrada”, uma escuta, possibilita exteriorizar o sentimento negado, frustrado no cotidiano por uma racionalidade em busca de sua conclusividade. O depoimento oral se alicerça naqueles valores negados pela racionalidade: o choro, o sorriso, a pausa emotiva para agarrar as forças no momento em que se define como o ideal para reiniciar a luta, até então taticamente restrita ao campo interno.

É neste momento que se pode entender a essência do valor do silêncio pelo mergulho no mais profundo sentimento do ser. Como, a partir de sua realidade, o indivíduo percebe e relaciona os fatos sociais com o seu cotidiano? Qual o significado do passado e do presente ao mergulhar no silêncio à espera de outro quadro futuro? Em que momento a projeção do futuro altera profundamente a arte do homem encarar sua própria rea-

lidade e encontrar com isso alternativas para o encontro consigo?

São perguntas cujas respostas devem ser encontradas lá no campo de batalha do mundo vivido pelo sujeito. E se muitas vezes não se apresenta como ato exteriorizado, visível, dizível, é porque está deslocado para outro plano. Não no inconsciente ou no sonho freudiano. Mas no sonho enquanto contexto político, sociológico. O sonho, enquanto manifestação interior decorrente do estado de silêncio do sujeito, torna-se então trabalho. “A coragem de nossa noite põe diante dos nossos olhos e da nossa consciência a coragem que nos falta durante o dia em face do que nos conforma e nos obriga. A loucura da noite e do sonho denuncia a insanidade do dia e da vigília: a insanidade de um agir conduzido e demarcado por um querer alheio e não interrogado, nem questionado” (MARTINS, 2000, p. 66).

E como entender o papel da imaginação no contexto da modernidade? Relegada como secundária dentro de um processo de hierarquização estabelecida por uma ação positivista, a imaginação foi tratada como subproduto e despersonalizada de sua natureza humana. O problema da relação da imaginação com a racionalidade fora tratado com clareza por Castor RUIZ (2003): “a imaginação, mesmo sendo uma dimensão inegavelmente humana, resulta secundária





Cultura, Educação e Difusão Cultural

perante a objetividade da racionalidade. A imaginação aparece como estéril, enquanto a razão contém um potencial produtivo inesgotável, promovido por suas filhas prediletas: a ciência e a tecnologia. O racional se apresenta como sinônimo do verdadeiro e, concomitantemente, daquilo que é bom” (RUIZ, 2003, p. 31).

A primeira leitura social é que a entrada no asilo é a dupla morte do velho. Sem a participação na atividade econômica, ao ser marginalizado do setor de produtividade e por isso considerado por muitos sem status na relação cotidiana, o velho agora é retirado da condição de sujeito social para viver os últimos dias em um espaço onde ninguém considerou estar, ou chegar, ao final da vida.

Para quem está do lado de fora, basta somente utilizar o termo asilo para tomar a dimensão histórica deste hospital geral. O asilo sugere abandono dos filhos ou o resultado da relação conflituosa, ou falta dela, produzida ao longo da vida. Os dirigentes desses asilos há tempos procuram substituir esse termo pejorativo por outros mais atrativos como Lar ou Residencial. Embora haja empenho para provar o tratamento mais humano devotado aos velhos, muitas vezes com conforto compatíveis a mensalidades da classe econômica, as manchetes de jornais, de tempos em tempos, demolem a estrutura do paraíso com as fotos de homens desnutridos ou em agonia.

Diante dessas lutas conotativas, a expressão do asilado Fábio Inácio surpreende pelo contexto de identidade, a vincular o asilo como significado de existência: casa de Deus. O sentimento de estar na Casa de Deus indica estado de paz, movimento de espírito de homens e mulheres a justificarem a atual fase da vida como renascimento. Para os velhos entrevistados estar no asilo não é significado da morte social do homem. Mas um momento de entender e restaurar o espírito e construir então novas referências para os vivos, muitas vezes distantes, porém vigilantes olhares de familiares e amigos do outro lado do portão. Há algo mais importante do que estabelecer meramente sintonia com o renascimento, sentimento também proposto pelas contadoras de histórias. Exatamente pelo fato de a morte física parecer e se fazer tão próxima, com a angústia de o próximo dia poder ser o último, a vida toma outro sentido. Encontra-se a alegria e a tristeza no mesmo espaço e tempo.

Cada velho ao entrar na Casa de Deus Lar Betel tem registrado de forma sucinta a história de vida em uma ficha cadastral. Pela primeira vez, narram a história de vida como condição para fazer parte da instituição. Nada é registrado de sua infância. A delimitação da ficha é sobre a profissão, o trabalho desenvolvido já na fase adulta, e o motivo de estar agora trancando o portão pelo lado de dentro. Os desafios da infância, da adolescência,





Cultura, Educação e Difusão Cultural

desse tempo de vivenciar a rotina são excluídos do dado oficial. Até porque todo o processo de cadastro está vinculado à problemática da fase adulta e às dores do corpo. Entretanto, é só depois de os dias se seguirem, quando a rotina então revela o dilema a perturbar o espírito de cada velho, é que se identificam as dores da alma.

Não temos tempo para viver os dramas da existência humana e é isso que nos faz envelhecer explica BENJAMIN (1993) ao analisar *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust. “As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa”. (BENJAMIN, 1993:46). São esses dilemas não resolvidos a assaltar os velhos agora no tempo do asilo. A trajetória da vida poderia ser diferente. Por quê se seguiu desta forma? Uma análise estrutural teria a função de elucidar o momento em que o sujeito passou a ser objeto de sua própria vida.

Há outra alternativa para entender o estado de sofrimento do velho no ato de transgredir o tempo passado agora no asilo. Se os verdadeiros dramas da existência não foram vivenciados à flor da pele, nem sempre é correto dizer que o sujeito permaneceu durante todo esse período distraído para a realidade. Muitas

vezes, essa atitude de deixar de enfrentar determinado fato é porque o sujeito estava ocupado em responder ao ocorrido no passado recente a esse presente. Os problemas eram conhecidos, porém dividia a personalidade do indivíduo com a reação à outra situação vivenciada em sua história. Mas temos de superar esse contexto conceitual da história do homem como história da sua opressão para entender a aflição do sujeito no presente.

A repressão incondicionada dos pais, a agressividade do marido, o término do namoro por causa de ciúme bobo, a ajuda financeira aos irmãos por imposição da mãe, seguido do calote deles quando mais precisava são problemas - descritos pelos entrevistados - a invadir o cotidiano e tomar o sentido do jovem. Negar ser isto uma forma de existir é impor ilusoriamente que a construção de identidade do sujeito é realizada no mar de tranquilidade. Então é lá no cotidiano, no mergulho da rotina estabelecida, neste espaço e tempo em que o homem tem de responder ao que lhe aconteceu e imaginar caminhos, que é preciso encontrar o sentido do viver.

Ninguém planeja terminar a vida no asilo. Da mesma forma é engano afirmar que tudo acontece de repente, numa espécie de síntese de uma vida de 60, 70 anos. O caminho é longo. A estratégia é mergulhar no cotidiano, nos dilemas vivenciados pelo velho e entender o pro-





Cultura, Educação e Difusão Cultural

cesso que o conduziu ao atual quadro. A ficha cadastral de Fábio Inácio descreve que ele “entrou no dia 3 de abril de 1995. É um senhor calmo e lúcido. Veio para o lar mesmo sem idade porque queria ter convivência com mais pessoas. Viveu muito tempo no sítio e muito só. É um idoso bom no relacionamento com os demais”.

A justificativa descrita na ficha cadastral rompe com o primeiro estereótipo apontado no asilo. Fábio Inácio, negro nascido em Piracicaba no dia do trabalho do ano de 1938, tomou o rumo de bater na porta da Casa de Deus porque se sentia só. A solidão como opressora de um sujeito pobre, trabalhador rural, e que pelos rumos da vida chegou a uma problemática: o indivíduo não nasceu para viver sozinho. Soa como paradoxo ele ter definido encontrar caminho para resolver esse dilema, justamente no asilo, instituição marcada pelo isolamento social do velho.

A pergunta ainda instiga: como encontrar solução para o sentir só na sociedade, no espaço do asilo? Em uma realidade onde os meios disseminam o reino da Terceira Idade não soa como incoerente essa busca de convivência social justamente no asilo? Cada sujeito responde ao ocorrido em sua vida de acordo com suas possibilidades, suas perspectivas de futuro, situação econômica e capital cultural. A cada decisão, o outro espaço e tempo

no qual se decide prosseguir a luta do cotidiano, a personalidade e o caminho de construir a identidade se estruturam de forma oposta à realidade anterior.

Evitar que determinadas lembranças venham à tona, a invadir o cotidiano do qual se procura avançar, é um desejo do sujeito fadado sempre ao fracasso. Em algum momento da vida, quando o sujeito estiver “distraído”, despreocupado em se defender, ele é assaltado pela lembrança do passado. É um golpe inevitável no qual ele se vê diante do paradoxo: esquecer tudo, mantido num passado aparentemente estático, e seguir a vida; ou enfrentar esse dilema em toda a sua plenitude, com o sentimento de riso e lágrima, nesse passado sempre em movimento no presente.

Da personalidade de ser homem nervoso, o solteiro Fábio Inácio, que cuidou da mãe até os 85 anos, é reconhecido agora como calmo e lúcido. O homem que entrou no asilo porque viveu muito tempo só agora é referência de solidariedade e socialização.

Entretanto, a solidão não é um estado de sentimento exclusivo do solteiro. Pior do que se lastimar com a oportunidade perdida de ter trocado alianças no altar, é viver a dor de esse passo realizado ser a desfiguração do estado de paz. Por 19 anos ela conta ter vivido o sofrimento de um casamento, até o marido ir embo-





Cultura, Educação e Difusão Cultural

ra. A prova de resistência acabou.

A morte do filho pelo qual tanto sentia orgulho, ainda jovem, a saída de casa do outro, e a difícil convivência por causa do gênio da filha. “Eu que resolvi vim. Cansei. Meu filho, casado. Minha filha é gênio muito pesado. Ela não tem amor, ela só quer dinheiro, dinheiro. Ela não liga muito pra trabalhar. Tem faculdade, tem tudo, mas ela não gosta de trabalhar. Então ela fica criticando a gente e eu acabei vendo que aquilo não dava mais. Eu não queria ficar discutindo, brigando porque é feio”. (Judith Nalim, Entrevista: 02/2006)

No asilo, Judith encontrou a paz, o sossego do qual ficou privada durante o relacionamento social. Essa paz, esse sossego seguro de poder então só descobrir na menopausa o que é dormir e ter alguma atividade para dar sentido ao cotidiano. O tempo deixa de ser violentado a qualquer momento e volta a ser momento do próprio sujeito. Mesmo em um espaço como o asilo onde o sentido da tranquilidade está atrelado ao fato de tudo ter o seu horário. As angústias e medos, dessa descendente de italianos, compartilham a memória. A suposta passividade da qual relutou em seu ser desde criança agora se tornou em temperamento forte.

“Seu Agenor Denatti é solteiro e fez vários serviços na vida: foi até cozinheiro e tapeceiro. Lúcido, mora no po-

rão da casa de um dos sete irmãos. Acontece que quer ter o seu caminho, pois seus cunhados e cunhadas não o querem. Ele se sente mal. Vai compartilhar o quarto com mais dois idosos. Feito a avaliação em processo normal Tudo Ok.”. A síntese na ficha cadastral de Agenor Denatti revela a angústia de sua entrada na Casa de Deus, 10 de dezembro, uma semana antes de fazer aniversário. Solteiro, se viu no estado de solidão com a morte dos pais, mesmo sendo o segundo mais velho de uma família de cinco homens e três mulheres.

Há em Agenor sentimento contraditório de solidariedade a misturar com algo próximo de traição, toda vez em que lembra o conselho da mãe para ajudar financeiramente os irmãos. Quem hoje vem visitá-lo na Casa de Deus? Nenhum deles. Esse dilema está presente em suas palavras para expressar o momento mais triste da vida. “Ah! Pra mim foi quando eu fiquei sozinho de tudo. Sabendo que os irmãos pegaram o dinheiro. Pai e mãe falecidos, fiquei sozinho de uma vez. Fazer o quê? Vim pra cá, né. Aqui achei que foi a casa minha”. (Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006).

A história de vida de Agenor parece reprodução de Fábio Inácio. Pobre, trabalhou dos 7 aos 27 anos na lavoura de cana. Coube aos cuidados dele a saúde dos pais, enquanto um a um dos irmãos foram casando e deixando a casa. Agenor





Cultura, Educação e Difusão Cultural

diz ter se acostumado a viver sozinho. E foi diante do convite do administrador do Lar Betel, ao ver as dificuldades de um homem viver sozinho, que ele entrou no asilo. Não se trata de uma decisão fácil, ainda mais quando se fala de uma família tão grande. A necessidade de encontrar o sentido para vida tinha de superar o sentimento de rejeição dos cunhados.

As dificuldades de viver só na sociedade não se tornou sinônimo de ter os mesmos problemas ao viver em comunidade no asilo. O homem rejeitado, por trás do portão, mostrou seu dote de repentista, um sujeito que adora fazer versos e declamar poesia. O nervosismo do lado de fora do portão por causa do problema de saúde, problema cerebral, do qual tem até hoje de tomar remédio, permanece como parte da personalidade. Atualmente ele é mais prosa e brincalhão.

Era Agenor quem nas visitas de sábado e domingo abria e fechava os portões, sem deixar dúvidas para qualquer atitude que pudesse transgredir a rotina em que todos estavam inseridos. Talvez por isso ressinta com mais gravidade o fato de nunca ter aberto o portão para qualquer irmão visitá-lo. Agora, mergulhado no asilo, Agenor Denatti responde ao que lhe acontece. A vida tem de ser uma composição, uma rima, sem deixar o outro determinar o ritmo, a duração e principalmente o momento em que se

deve cantar a realidade. Por isso, mais do que as histórias contadas nos encontros quinzenais, Agenor destaca a moda de viola como principal referência para se animar no asilo. Essas canções antigas, ainda ouvidas no radinho, transportam o sujeito, pela memória, a refletir a vida como era no passado, ao próprio contexto da cidade atravessada pelo rio de Piracicaba.



Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. *Velhos Institucionalizados e Família: entre abafos e desabafos*. Campinas: Editora Alínea, 2004.

ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad., apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002.

_____. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. V. 1 Trad. Sergio Paulo Roaunet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.





Cultura, Educação e Difusão Cultural

- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. *Memória e Cultura*. Texto de Marilza E. Brito. Rio de Janeiro: CMEB, 1989.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. V. 1 e 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. e 1997
- _____. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.
- GIGLIO, Zula Garcia; VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *A arte de recriar o passado: História Oral e Velhice bem-sucedida in: Desenvolvimento e Envelhecimento – perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6ª. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MENESES, Adélia Bezerra de. *Memória e Ficção in: RESGATE*, Revista de Cultura do Centro de Memória da Unicamp, Campinas, Papirus, nº 3, 1991.
- NERI, Anita Liberalesso. *Chinelo velho para pé cansado in: Tempo e Presença*. São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 8-9, 10 ago. 1992.
- PIZA, Carmelina de Toledo. *Entrou por uma porta saiu por outra, quem quiser que conte outra: contribuição para a formação do professor-contador de histórias*. Piracicaba: Degaspari, 2004.
- POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-215.
- _____. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, nº 14, fev. 97.
- _____. *O que faz a História Oral diferente*. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, nº 14, fev. 97.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos Oraís: do indizível ao dizível in: SIMSON, Olga de Moraes von (Org.). Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- RUIZ, Castor Bartolomé. *Os Paradoxos do Imaginário*. Porto Alegre: Unisinos, 2003.
- SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência in: Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, nº 1 / 2, -. 285-298, 1993.
- SOUSA, Gerson de. *Memória e Velhice: Entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ano narrar a história vivida*.





Sessão de Comunicações Coordenadas 01

Cultura, Educação e Difusão Cultural

(anexos inclusos). Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, 2008, 244f.

_____. *A Experiência de Estudantes da Terceira Idade no Projeto Universidade Aberta da USP*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, 241f.

VON SIMSON, Olga de Moraes. *Imagem e Memória* in: SAMAIN, Etiénne. *O Fotográfico*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

_____. *Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento*. in: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação*. Coleção Memória da Educação.

